

62. 1553

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA
DIRECTORIA DO ENSINO

BOLETIM N.º 17

17

PROGRAMMAS DAS ESCOLAS NORMAES

ORGANIZADOS POR UMA COMISSÃO DE PROFESSORES
E REVISTOS PELA DIRECTORIA DO ENSINO.



1938

S. PAULO — BRASIL

5214.11

62. 1553

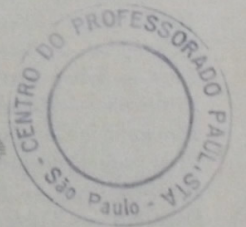
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA
DIRECTORIA DO ENSINO

BOLETIM N.º 17

PROGRAMMAS DAS ESCOLAS NORMAES

ORGANIZADOS POR UMA COMISSÃO DE PROFESSORES
E REVISTOS PELA DIRECTORIA DO ENSINO.

Coelho
1530
Di. Cloro



1938

S. PAULO — BRASIL

CLASSIFICAÇÃO	TOMBO
DATA	RUBRICA

DIRECTORIA DO ENSINO

Director do Ensino — *A. Almeida Junior*

Director da Secretaria — *vago*

Chefes de Serviço — *Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, Eusebio de Paula Marcondes, Luiz Galhanone, Francisco Jarussi, Luiz da Motta Mercier, Fabiano Lozano.*

Delegados Regionaes

Capital — *Luiz Amaral Wagner*
 Araraquara — *Otoni Pompeu Piza*
 Baurú — *Quintiliano José Sitrangulo*
 Botucatu — *João Teixeira Lara*
 Campinas — *Malvino de Oliveira*
 Casa Branca — *Oscar Augusto Guelli*
 Guaratinguetá — *Anisio Novaes*
 Itapetininga — *Fernando Rios*
 Jaboticabal — *Plinio Paulo Braga*
 Lins — *Sylvio da Costa Neves*
 Piracicaba — *Francisco Faria Netto*
 Pirassununga — *Gastão Ramos*
 Presidente Prudente — *Luthero Lopes da Silva (em comissão)*
 Ribeirão Preto — *Francisco Alves Mourão*
 Rio Claro — *Waldomiro Guerra Corrêa*
 Rio Preto — *José Closel*
 Santa Cruz do Rio Pardo — *Salvador Ovidio de Arruda*
 Santos — *Luiz Damasco Penna*
 São Carlos — *Milton Tolosa*
 Sorocaba — *Clodomir Ferreira de Albuquerque*
 Taubaté — *Francisco Lopes de Azevedo*



INTRODUÇÃO GERAL

I — Sendo o curso profissional das nove escolas normaes officiaes e das quarenta escolas normaes livres fiscalizadas, a sementeira do seu magisterio primario, reserva-se o Estado o direito de fixar-lhe as linhas mestras da orientação e do programma de trabalho, tanto para estabelecer o conteudo minimo do seu ensino como para assegurar, quanto possivel, a unidade de formação espirital do professorado.

II — Na organização escolar paulista, a formação technica do professor primario assenta sobre a base do curso secundario nacional, de cinco annos. Base ainda insegura, por motivos obvios, e que exige, consequentemente, continuo revigoramento, através de revisões e de estudos complementares. Não se furtará a esse trabalho recapitulador, quando lhe parecer opportuno, o professor do curso profissional.

III — Entre as materias propedeuticas que a escola technica precisa retomar, salienta-se, quer pela importancia intrinseca, quer pela deficiencia com que vem do curso secundario, a lingua patria. Todos os docentes da escola normal, e a proposito de todos os assumptos, devem procurar corrigir e aprimorar a linguagem dos futuros mestres, lembrando-se de que a palavra falada é o principal instrumento de acção do professor.

IV — Não deve o corpo docente perder de vista, entretanto, que a sua escola é essencialmente um curso technico, visando antes de mais nada a formar technicos do ensino primario. O profissional do ensino se faz á custa de qualidades innatas, de cultura geral e de formação technica. Esta ultima se alcançará, de uma parte, pela observação de bons modelos e pelo treino pessoal; de outra, pelo estudo de noções theoricas diversas, organizadas e systematizadas em vista do fim commum.

V — A formação do professor primario será, no entanto, incompleta se a escola normal se preoccupar unicamente com adextral-o na technica, com fazer delle uma boa machina de ensinar. E' indispensavel ainda que o futuro professor sinta a complexidade e a magnitude da sua missão, do ponto de vista nacional e social, e nella veja um pouco mais do que a forma pratica que escolheu para ganhar o pão. Ha um ideal superior, ha uma mystica do magisterio primario, que estimula e mantem o fogo sagrado muito mais duradouramente do que as suas modestas compensações materiaes. Se algum professor de escola normal houver que não saiba activar essa chamma, que ao menos não collabore, por amarguras pessoasas, para a sua criminosa extineção.

VI — As escolas normaes representam o espirito vanguardeiro do ensino primario. Dellas vêm as praticas e as ideias novas, que pouco a pouco se infiltrarão no aparelho geral da educação popular. Nellas se fazem as pesquisas, se apuram as observações, se vivifica a experiencia geradora de novas directrizes. A escola normal que deixe de ser assim, para estagnar-se na agua parada da rotina, não está cumprindo o seu dever.

VII — Alem da sua função estritamente pedagogica, cabe á escola primaria ùa acção social intensa, dentro e fora das salas de aula. Para desineumbir-se futuramente dessa obrigação, precisa o alumno-mestre ser intelligentemente orientado durante o curso profissional. Sel-o-á sobretudo pelo conhecimento das instituições auxiliares da escola e dos seus trabalhos de assistência; pelas visitas domiciliarias e pela pratica de actividades socialmente uteis, como os cursos populares, a colaboração nos trabalhos de prophylaxia, a realização de festas educativas nas escolas ruraes.

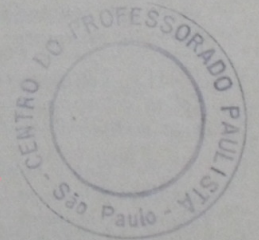
VIII — O futuro professor precisará, para o pleno desempenho da sua missão, possuir não só a autoridade da posição official, como a que imponha a sua propria personalidade. São-lhe indispensaveis, entre outros requisitos, a boa apresentação social, as boas maneiras, o tacto, a arte de conversar discretamente. O professor que, no meio em que vai actuar, saiba manter-se em linha impecavel de conducta, já alcançou meia victoria. Acostume-o nesse caminho a escola normal, pelo estudo e pelo ensino.

IX — A escola normal e as autoridades administrativas do ensino publico realizam obra commum, que reclama entendimento e assistencia reciprocas. As duas organizações não podem emparedar-se em compartimentos estanques, isoladas uma da outra. Assim como as autoridades administrativas devem estar sempre á disposição da escola normal, para prestar-lhe auxilio, assim tambem a escola normal deve collaborar com as autoridades do ensino, em suas iniciativas.

X — A escola normal é, em sua cidade, um centro de irradiação que pode beneficiar tambem á população local. Por suas festas, pelas conferencias dos seus professores, por suas associações, por sua bibliotheca aberta a todos, dará a escola o que estiver ao seu alcance em favor do desenvolvimento cultural da localidade.

XI — A escola normal é ainda um centro de pesquisas. Dentro do municipio em que funciona o instituto, cada um de seus professores achará farto material para observação e estudo de questões de educação, de sociologia, de hygiene, de estatistica. Com esse genero de trabalho, contribuirão os professores para o melhor conhecimento do paiz e para a solução adequada dos seus problemas.

XII — Pode finalmente a escola normal organizar um serviço pelo qual acompanhe a vida pratica dos seus antigos alumnos, mantendo com elles correspondencia periodica, e estabelecendo-se dupla corrente de serviços: da escola, orientando o professor novato em suas difficuldades e trazendo-o informado dos progressos technicos; do professor, apresentando á escola, como material de trabalho, os problemas concretos da vida professional.



PSYCHOLOGIA EDUCACIONAL

INTRODUÇÃO

1. Como as das demais disciplinas deste programma, o professor de Psychologia educacional terá sempre presente o objectivo específico do curso: a formação de technicos para o magisterio primario.

2. Considerando-se que a finalidade do curso não é formar psychologos (como não é de formar biologistas ou sociologos), da parte propedeutica e geral da materia — definições, theorias, controversias doutrinarias, escolas, — será dado o minimo indispensavel á comprehensão da sua parte essencial, isto é, o estudo das noções de Psychologia applicaveis á educação.

3. Um dos abusos mais communs, no ensino da Psychologia, consiste em admittir, como parte integrante dessa disciplina, uma serie interminavel de noções de Biologia ou de Physiologia humana, demorando-se o mestre, durante mezes, em dissertações eruditas sobre cellulas, tropismos, anatomia e physiologia nervosas, endocrinologia, etc. Conquanto seja intima a correlação desses assumptos com a Psychologia, esta ultima possui o seu conteúdo proprio, que não deve ser sacrificado em favor de assumptos de outra cadeira do curso.

4. Ensinar as noções de Psychologia, mas não retirar dellas as applicações educacionais que comportam, é deixar pela metade a tarefa imposta á cadeira.

5. Que o mestre não procure offuscar o alumno com theorias mais ou menos rebarbativas, ou com a exhibição de materias de fichamentos ou de calculos esterilizantes. Deixe-lhe tempo e offereça-lhe oportunidades para observar, reflectir e firmar as suas convicções.

PROGRAMMA

1.º ANNO

I — Psychologia geral:

1. Os factos psychologicos. Objecto e methodos da psychologia.
2. Os pontos de vista subjetivo e objetivo da psychologia. Factos psychicos e factos physiologicos. O inconsciente. Factos psychicos e factos sociaes.
3. Classificação dos factos psychicos.
4. Actividade reflexa. Reflexos condicionados.
5. Actividade instintiva. Aparecimento gradual dos instinctos. Leis do instineto. Educação do instineto.
6. O habito. Base physica do habito. Experiencia. O habito e a aprendizagem. Educação do habito.
7. A intelligencia.
8. Sensação e percepção. Illusões e allucinações.
9. Memoria e associação. Condições para memorizar. Leis
10. Associação e interesse da associação. A transferencia.
11. Abstração e generalização. A analyse e suas leis.
12. A imaginação.
13. A ideação.
14. O juizo. O raciocinio. Analyse do raciocinio.
15. A "medida" da intelligencia. Principaes fundamentos. Os "tests".

16. Tendencias e inclinações.
17. Sentimentos e emoções. Theorias.
18. A vontade. A personalidade.
19. O caracter.
20. A linguagem. Psychologia da linguagem. Aspecto social da linguagem.

II — *Psychologia da creança:*

21. Conceito. Methodos da psychologia infantil.
22. Phases typicas do desenvolvimento infantil. Caracteristicas dominantes de cada phase.
23. A emotividade infantil. Typos emotivos. Interesses infantis e sua evolução.
24. Desenvolvimento mental. Medidas da intelligencia e das aptidões infantis.
25. A linguagem e o pensamento. O raciocinio. A curiosidade. Estagios de evolução.
26. Attenção, observação, imitação, suggestões, associação, memoria, etc., na creança.
27. O desenho infantil, como forma de expressão.
28. Psychismo infantil dos tres aos sete annos de idade.
29. Psychismo infantil na idade escolar.
30. Psychismo na puberdade.
31. As creanças sub-normaes. Applicações educativas.
32. As creanças super-normaes. Applicações educativas.
33. Adaptação social da creança. Estagios de evolução. Os grupos e "gangs" infantis. Desadaptações sociaes. Creanças timidas, medrosas, mentirosas, emburradas, indifferentes, turbulentas, etc. Delinquencia infantil.

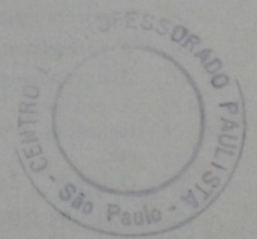
2.º ANNO

I — "*Tests*" psychologicos:

1. Natureza a intelligencia. Seu desenvolvimento.
2. Principios fundamentaes da medida da intelligencia. Historico.
3. Estandartização dos "tests".
4. A escala Binet-Simon e similares.
5. Os "tests" A. B. C.
6. Outros "tests" de applicação corrente.

II — *Psychologia da aprendizagem:*

7. Noção usual e scientifica de aprendizagem. A aprendizagem e o ensino.
8. Adaptação dos methodos da psychologia geral á psychologia da aprendizagem.
9. Motivação da aprendizagem. Factores da motivação. As actividades congenitas. O interesse. Aprendizagem primaria e aprendizagens concomittantes.
10. Principios da aprendizagem. As chamadas leis da aprendizagem.
11. A comprehensão e a generalização no ensino primario.
12. O raciocinio, a imaginação e a solução de problemas.
13. Variações da aprendizagem. Curvas.
14. Transferencia do aprendizado. Aprendizados que se influenciam.
15. Factores que influem favoravelmente na aprendizagem. Factores que perturbam a aprendizagem.
16. Principios geraes da aprendizagem: a) na aquisição das actividades motoras; b) na aquisição dos conhecimentos.
17. A medida do aprendizado. Principios que a regem. "Tests" pedagogicos.
18. Aprendizagem do desenho. Principios psychologicos.
19. Psychologia da leitura e da linguagem oral e escripta nos diversos graus do curso primario. A leitura silenciosa.
20. Psychologia da mathematica nos diversos graus.
21. Psychologia da musica.
22. Psychologia do ensino scientifico.



PEDAGOGIA

PROGRAMMA

1.º ANNO

I — *Pedagogia scientifica:*

1. Delimitação do campo da pedagogia scientifica. Sciencias auxiliares. Conceito e definições geraes. Divisões da pedagogia.
2. Methodos de investigação da pedagogia scientifica.
3. Educação accidental, intencional e auto-educação.
4. Caracteristicas da aprendizagem.
5. A aprendizagem ideativa.
6. A aprendizagem imaginativa.
7. A aprendizagem de observação.
8. A aprendizagem dos problemas; a situação problematica e a aprendizagem.
9. A aprendizagem apreciativa.
10. A aprendizagem motora.
11. A aprendizagem e a actividade ludica.
12. A economia da aprendizagem em função das diversas technicas adoptadas: numero de repetições, intervallos, etc.
13. O estudo e a motivação.
14. O estudo por meio de compendios.
15. O estudo por meio de grupos de pesquisas e debates.
16. O estudo e a expressão dramatica.
17. O estudo dirigido.

18. Os "projectos". Vantagens e desvantagens.
19. O autodidactismo.
20. Avaliação dos resultados da aprendizagem. Variedade das provas de verificação. Critica.
21. Noções do methodo estatistico.

II — *Pedagogia philosophica:*

22. Concepções de educação. Idéas fundamentaes de algumas escolas philosophicas contemporaneas.
23. Criação, adestramento e educação.
24. Necessidade, possibilidade, obstaculos e limites de educação.
25. Fins da educação intencional.
26. Valores da educação.
27. Educação social e liberdade.
28. Liberdade e disciplina.

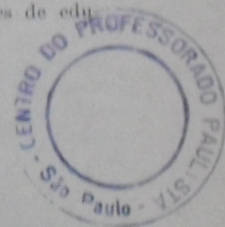
2.º ANNO

I — *Pedagogia scientifica:*

1. Revisão e ampliação dos conhecimentos sobre o methodo estatistico.
2. Função dos exames. Os exames tradicionaes. Critica.
3. Os exames objectivos. Suas variedades. Critica.
4. Usos das medidas e resultados alcançados.
5. Applicações praticas e organização dos "tests" de escolaridade.

II — *Pedagogia philosophica:*

6. A educação em geral e a educação escolar. As instituições escolares.
7. O professor.
8. O educando.
9. O meio.
10. O methodo.
11. A educação tradicional.
12. Caracteristicas da educação nova. Escolas novas, activas, progressivas, do trabalho, etc.. Estudo comparativo entre estas correntes e a tradicional.
13. A corrente educacional focalizada por François de Hôvre.
14. Educação para a democracia.



HISTORIA DA EDUCAÇÃO

PROGRAMMA

2.º ANNO

1. A educação entre os povos primitivos. Aspectos formaes e não formaes. Os tabús.
2. Estudo da educação oriental. Chinezes, hindús e hebreus. Aspectos da philosophia oriental.
3. A educação grega: a) nos primordios de sua historia; b) educação atheniense; c) educação espartana; d) os grandes pensadores gregos, particularmente os que repercutiram immediata ou remotamente na educação: Soerates, Plantão e Aristoteles.
4. Evolução da educação entre os romanos. Quintiliano.
5. Aspectos da educação na Idade Media: a) a cavallaria; b) as corporações; c) o monasticismo; d) as universidades; e) o mysticismo da educação medieval; f) os pró-dromos do Renascimento; o Renascimento do sec. XIII.
6. O Renascimento e a educação humanista. Escolas humanistas.
7. Reforma e contra-reforma. Aspectos educacionaes. Companhia de Jesus.
8. Educação realista. O realismo social e o sensualista. Bacon, Comenius.
9. A educação como disciplina. Locke.
10. A educação naturalista. Rousseau.
11. A educação sob o ponto de vista psychologico. Pestalozzi, Herbart e Froebel.
12. A educação sob o ponto de vista scientifico. Spenceer.
13. Os rumos geraes e a tendencia ecletica da educação contemporanea.
14. Escolas novas. Dewey, Decroly, Ferrière, Montessori.
15. O manifesto dos educadores brasileiros.

PRATICA DE ENSINO

INTRODUÇÃO

1. O programma de "Pratica de Ensino" visa ao seguinte:
a) habilitar os alumnos-mestres á convivencia com as crianças;
b) fornecer-lhes conhecimentos para a organização e o governo da classe; c) dar-lhes capacidade para ensinar pelos modernos processos; d) estimular-lhes o interesse pelos problemas peculiares ao ensino, especialmente ao ensino rural.

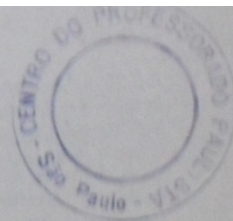
2. De modo geral, a marcha dos exercicios de pratica se decompõe em tres phases: a) a observação dos trabalhos dos professores primarios; b) a comparticipação nesses trabalhos; c) o governo autonomo da classe.

3. É essencial que haja frequentes e prolongados contactos do alumno-mestre com a mesma classe primaria, por periodos de dois a quatro mezes, pois desse facto resultam conhecimentos mais profundos dos problemas praticos do ensino, assim como observações mais completas dos resultados deste.

4. A familiarização dos futuros professores com os aspectos administrativos e technicos da escola publica, precisa ser iniciada e incrementada durante o curso profissional, pela observação reiterada de situações concretas.

5. Como os normalistas recém-formados vão iniciar o estagio profissional nas escolas da roça, o professor de Pratica do Ensino (assim como os demais da Escola Normal) orientarão o seu trabalho no sentido de preparar educadores principalmente para a zona rural.

6. Para maior eficiencia da pratica, ha necessidade da subdivisão dos normalistas em grupos de 5 a 10 praticantes, no maximo.



7. A *collaboração dos adjunctos do curso primario é indispensavel, e demanda do professor da cadeira um plano de trabalho préviamente fixado para o anno todo. Desse plano dar-se-á conhecimento aos professores do curso primario, em reuniões pedagogicas do inicio do anno lectivo, e o seu desenvolvimento será auxiliado por directa e constante articulação entre o cathedratico, seus assistentes, e aquelles professores.*

8. *Dentre as technicas que o alumno-mestre precisa adquirir, nas aulas de Pratica, avulta, pela excepcional importancia, a referente á alphabetização. Todo portador de diploma de normalista deve saber ensinar a lêr.*

PROGRAMMA

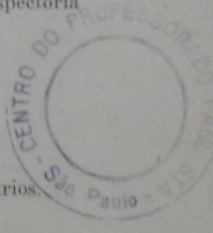
1.º ANNO

1. Arranjo e decoraçào da sala de aula. Organizaçào da classe. Distribuiçào dos alumnos. A classificaçào no grupo escolar e na escola isolada.
2. Pratica dos "tests" de acuidade visual e auditiva. "Tests" A. B. C. ("tests" de desenvolvimento mental).
3. O programma official. Necessidade do seu ajustamento ao meio. Estudo do programma official, anno por anno. Observaçào da sua execuçào nas classes primarias.
4. Horario escolar. Sua importancia para a ordenaçào das actividades escolares. Flexibilidade do horario. Observaçào directa dos horarios em vigor.
5. O ensino e as actividades infantis na escola de applicaçào. Observaçào do ensino e das actividades dos escolares em cada uma das classes do curso primario. Observaçào do recreio.
6. Movimentaçào de classes por alumnos-mestres. Distribuiçào das crianças nos recreios.
7. Observaçào e pratica de aulas de educaçào physica.
8. Disciplina escolar. Actividade e liberdade. Observaçào e pratica em classes primarias. Estudo dos varios typos de disciplina.
9. Organizaçào de festas escolares pelos alumnos-mestres. O ensino do canto. Declamaçào. Dansas infantis.
10. O ensino objectivo. Aulas sobre noções communs. Co-lheita, organizaçào e aproveitamento do material.

11. O desenho e a musica como instrumentos de expressào didactica.
12. Os trabalhos graphicos (linguagem escripta; desenho; calligraphia; arithmetica; esboço geographico, etc.). Organizaçào dos cadernos. Correecçào e julgamento. O caderno diario do alumno.
13. O ensino da calligraphia. A calligraphia muscular.
14. Observaçào e pratica de aulas de trabalhos manuaes. Exposições escolares. A arte na vida escolar.
15. Exeursões: preparo, realizaçào, verificaçào dos resultados. Organizaçào do museu da escola.
16. Observaçào e pratica da educaçào hygienica.
17. A historia patria, a geographia, a educaçào civica.
18. Organizaçào da bibliotheca escolar. Seu funcionamento. Como registrar e estimular a frequencia dos consulentes.
19. Exeursões a escolas ruraes do municipio.
20. Comparecimento a reuniões pedagogicas, na propria escola normal, na Delegacia do Ensino ou na Inspectoria auxiliar.

2.º ANNO

1. A technica da alphabetizaçào.
2. O ensino da leitura em cada um dos graus primarios.
3. A linguagem oral e escripta.
4. O calculo e a arithmetica.
5. O systema de "projectos".
7. Os programmas e os horarios nos systemas renovados. Sua organizaçào.
8. Como retirar do ambiente rural os assumptos e o material para o ensino primario.
9. Exeursões de estudo a escolas ruraes. Relatorios.
10. Comparecimento a reuniões pedagogicas do proprio estabelecimento, da Delegacia Regional ou da Inspectoria auxiliar.
11. As instituicoes auxiliares da escola. A caixa escolar.



12. Escripturação escolar. Organização dos livros de matrícula, de chamada, de inventario. Estatística mensal e annual. Offícios ás autoridades. Communicações aos paes.
13. Exame e commentario das leis sobre nomeações para o magisterio primario. Condições para a effectivação dos estagiarios.
14. Organização geral do ensino primario, no Estado de São Paulo.

BIOLOGIA EDUCACIONAL

INTRODUÇÃO

1. O estudo da *Biologia educacional* terá os seguintes objectivos essenciaes : a) fornecer ao alumno base biologica para a comprehensão do phenomeno educativo ; b) dar-lhe elementos que o auxiliem no estudo das outras materias do curso ; c) munil-o de noções praticas de *Biologia* e de *Hygiene* para o exercicio do magisterio primario.

2. O professor da cadeira não perderá de vista que o curso profissional das escolas normaes se destina á formação de mestres primarios ; de mestres que irão iniciar o seu trabalho em escolas da roça. De cada aula ou exercicio, deverá, pois, extrahir indicações praticas para o desempenho da função educativa no meio rural.

3. O ensino de *Biologia educacional* será tanto mais proveitoso quanto mais simples. Convem reduzir cada assumpto aos seus pontos capitaes e evitar as exhuberancias de terminologia scientifica.

4. É indispensavel verificar periodicamente, por meio de trabalhos graphicos, de problemas praticos e de debates, se os alumnos estão acompanhando com proveito o ensino.

5. As repetições de assumptos, que se encontram no programma são, em regra, propositadas, referindo-se a questões que, pela sua importancia, devem ser examinadas sob varios aspectos e conhecidas com maior segurança pelos alumnos.

6. Nesta cadeira, como nas demais, é dever do professor estimular a leitura de bons livros. Não se limite elle a expor a sua lição : exija que os alumnos leiam ; indique-lhes capitulos accessiveis dos livros da materia ; peça-lhes resumos e criticas de suas leituras.

Investigações sociaes em nosso meio (sugestões)

1. Investigar por meio de inquerito entre os alumnos as materias que mais apreciam ou detestam e as razões das preferencias e das aversões.
2. Restaurar por meio de inqueritos entre os antigos moradores da cidade, a escola primaria do tempo da monarchia, dos primeiros annos da Republica, como os seus programmas, methodos, disciplinas, installações; traçar as linhas do ensino actual, e comparar essas tres escolas com a vida social actual, para tal fim igualmente restaurada em todos os seus aspectos.
3. Estudar por meio de inquerito o grau de instrucção de todos os habitantes de um quarteirão, de uma rua, indagando entre os analphabetos os motivos pelos quaes não estudaram e entre os alphabetizados, quaes os que realmente utilizam os seus conhecimentos em leituras de livros, revistas ou jornaes.
4. Estudar por meio de inquerito as diversas camadas sociaes da localidade, caracterizando-as pelos seus orçamentos, habitação, vestuario, alimentação, educação, profissões, diversões, opiniões, etc.
5. Inquerito sobre o serviço de enfermagem da localidade, estudando a sua organização hospitalar, a estatistica das molestias, sobretudo na idade escolar, as suas causas segundo o povo, os meios que foram aconselhados para evital-as.
6. Inqueritos sobre as differentes profissões, mostrando as qualidades que requerem, as vantagens que offerecem, e estudando casos individuaes em alumnos, por meio de informações dos interessados, de questionario individual e da entrevista social.
7. Monographia sobre o systema escolar do Estado, na sua evolução e o seu estado actual.
8. Inquerito social para apurar: a) o motivo das faltas dos alumnos; b) o auxilio que lhes fornece a escola; c) a intensidade das relações entre esta e os paes.
9. Estudar, por meio de entrevista pessoal de um criminoso, todos os factos, (como educação, familia, meio social, profissão, alcoolismo preconceitos, constituição biologica) que precederam o crime e mostrar as suas causas provaveis.
10. Investigar sobre o pauperismo em familias da localidade por meio de historico de sua vida, de suas condições hygienicas, do estudo do meio social e apontar as suas causas provaveis.

TRABALHOS MANUAES

INTRODUÇÃO

1. *Pela pratica dos trabalhos manuaes visa a escola a varios fins: a) desenvolver a dexteridade das mãos, o que é de grande importancia tanto educativa como pratica; b) educar o gosto artistico; c) dar á criança, durante a sua vida escolar, opportunidades para uma distracção sadia, e preparal-a para o mesmo fim, quando vier a idade adulta; d) sondar as aptidões individuaes para este ou aquelle ramo de actividade profissional; e) tornar sympathico o trabalho manual.*

2. *Devem os jovens professores aprender, desde cedo, a procurar, como material de trabalho, coisas de pouco preço, que os seus futuros alumnos possam obter sem sacrificio. Devem sobretudo habituar-se a encontrar esse material entre os productos da zona rural.*

PROGRAMMA

1.º ANNO

(Para ambas as secções)

1. Cartonagem — Construcções de solidos geometricos, cestinhos, caixas, aviões, barcos.
2. Modelagem — Noções de tecnologia relativas ás materias plasticas, a madeiras, accessorios e marcenaria e ao instrumental usado.
 - a) Exercicios em pranchetas: fructas, folhas, flores. Ornatos e ensaios de estylização. Silhuetas de animaes. Exercicio livre.

- b) Entalhação: Entalhes serialos. Reprodueção na madeira dos ornatos simples praticados em desenho e plastica.
- c) Artefactos de adorno e de uso domestico feitos com serrinha (Tico-Tico); porta-vasos, cantoneiras, mesinhas, porta-chapeus, brinquedos, cabides, bibelôs.

(Só para a secção feminina)

- 3. Trabalhos de agulha — Pannos de amostra com diversos pontos taes como: — remendos, preguinhas, casas, ajour, botões, serzidos, costura franceza e ingleza, sobre-costura, franzidos, alinhavos,
 - b) Trabalhos de lã.
 - c) Corte e costura de diversas peças de roupas brancas do vestuario de crianças até 10 annos.

2.º ANNO

- 1. Cartonagem — Feitura de pastas para collecções diversas. Elementos de encadernação.
- 2. Trançagem — Trabalhos com taquara, corda, palha de milho, taboa, cipó e fibra de bananeira, barbante; cestos, balaios, barrigueira para sella — cadeiras, peneiras, etc.
- 3. Tecelagem — Raiz, piassaba, capim barba de bóde e erina de animal (escovas para filtro, lavagem de animal, vassouras de varrer terreiro, e encerado). Artefactos de arame.
- 4. Modelagem — Alto relevo: modelagem em oco; em gesso, exercicios de estylização segundo elementos tirados á flóra e pequena fauna. Emblemas e allegorias.
- 5. Marcenaria — Pequenos utensilios e moveis simples; escalas e plantas. Moldes em papel das peças a construir; cepo para escovas e vassouras.

(Só para a secção feminina)

- a) Corte e confecção de peças para vestuario de meninas até 10 annos, para meninos até 6 annos e para moçinhas; camisolinhas, vestidinhos, blusas, calções, terninhos, casaquinhos, saias, mangas, gollas e vestidos.
- b) Trabalhos de lã.

MUSICA

INTRODUÇÃO

1. Na escola primaria, o ensino da musica tem por objectivo principal a educação do sentimento esthetico da criança e, paralelamente, o de servir á formação civica e moral. No curso normal, além desses objectivos, accresce o da habilitação technica dos futuros mestres, para que possam ensinar, sem embaraço, o programma primario, e conhecer, cultivar e prestigiar a arte verdadeira.

2. Convém que o ensino da musica seja analytico (natural). Procure-se encaminhar os alumnos a induzirem, pela observação e comparação dos factos, os principios theoreticos da musica, e a exprimi-los, em estylo conciso e claro, por meio da theoria conscientemente assimilada.

3. As aulas de musica, dadas em sala ambiente, devem ser cheias de vida. Para isso é necessario que tenham cunho o mais pratico possivel, afim de tornal-as atrahentes, afugentando o tedio, proveniente, muitas vezes, da aridez com que é ministrada a theoria musical.

4. Nos exercicios de solfejo e canto, feitos de preferencia de pé e com o corpo direito, ter-se-á o maximo cuidado para conseguir que os alumnos emittam sons puros; abram correctamente a bocca, sem affectação; cantem com naturalidade, sem forçar a voz; saibam o que estão dizendo (o texto será previamente lido)

DESENHO

INTRODUÇÃO

1. O plano de trabalho do professor de desenho deve ser organizado e executado em harmonia com o de Prática do Ensino. E' applicando, em situações reais do ensino, a habilidade adquirida nas aulas de desenho, que o alumno-mestre sente a utilidade da illustração, pondo-a então ao alcance da creança e melhorando a propria technica.

2. O uso adequado do desenho nas aulas não é nem pode ser obra de improvisação. Dahi a necessidade de uma phase preparatoria de aprendizagem e de treino do desenho como desenho, para que os normalistas adquiram destreza no manejo do material e na execução do traço. Adquiridas taes qualidades, será feita articulação com a Prática do Ensino.

3. Compreende essa articulação da "Prática" com o "Desenho Pedagógico" também o encaminhamento dos alumnos no conhecimento do desenho infantil e suas características, por meio de frequencia ás aulas de desenho no curso primario e de critica aos trabalhos das crianças.

4. E' indispensavel que os traçados sejam suggeridos por topicos do programma de ensino, o que exige cuidadoso estudo do assumpto a ser ensinado e desenhado. Só assim se terá desenho esclarecedor e rapido, verdadeira linguagem.

5. Prática de valor, actual e futuro, é a documentação de todo o trabalho realizado, colleccionando cada alumno os desenhos executados, ou cópias, e organizando um album de modelos onde reuna o que possa interessar ao desenho pedagogico. O alumno terá assim valioso subsidio não só para a sua vida de estudante como para a de professor.

6. E' ainda aconselhavel a critica dos trabalhos executados. Também as creanças podem ser chamadas a opinar. Com isto, o gosto das creanças, as qualidades e os defeitos do traçado, serão postos em relevo.

7. Preoccupação maxima do professor de "Desenho" deve ser a de despertar nos alumnos o gosto pela illustração e, consequentemente, o interesse pelo desenho. Surgem então os trabalhos espontaneos de treino, cujo plano geral deve ser estabelecido pelo professor.

8. Como elemento propicio á suggestão de trabalhos e á imitação, recommenda-se organizar uma sala de desenho pedagogico, onde figurem trabalhos dos alumnos e modelos.

9. Tendo-se em vista que é na memorisação de imagens do observado e na copia commum que se baseia o traçado, forçoso é ter-se por indispensaveis o estudo preliminar do modelo, a fixação do eschema correspondente e os exercicios repetidos de observação.

10. O "Desenho Pedagógico" visa ao serviço da escola primaria e, portanto, a preoccupação do professor deve ser a de habilitar o normalista para desenhos destinados a creanças, proporcionando a estas numerosas occasiões de treino com immediata applicação no curso primario. O professor dará destaque, por isso, ao desenho de historias, contos, illustração de aulas, etc.

11. Inicialmente caberá ao professor, na phase preparatoria, salientar as multiplas e aproveitaveis possibilidades do "Desenho Pedagógico". Mostrará então a technica, isto é, como deve ser executado o desenho, o problema de sua visibilidade na classe, os artificios do colorido e da sombra; a forma, as proporções, os diversos processos para a execução dos eschemas.

12. A primeira parte do programma (quatro ou cinco aulas), servirá ao professor para demonstrar no papel e no quadro negro, as possibilidades do "Desenho Pedagógico", criando scenas e figuras, illustrando paginas de livros, indicando ao mesmo tempo problemas relativos á perspectiva, á sombra e ao colorido. Igualmente demonstrará as possibilidades do desenho na fixação das expressões.

13. A seguir, iniciarão os alumnos os seus primeiros traçados. Será recommendavel então o estudo preliminar do modelo

escolhido, que, nos primeiros desenhos deve ser de linhas simples. Procurar-se-d a fixação da forma, até que o desenho possa ser reproduzido de memoria. Virão depois modelos de maior difficuldade, com variação de posição, de distancia, etc.

14. Desde logo se exercitará o alumno na critica dos desenhos alheios e dos seus, dando-lhes assim ensejo para o exercicio da observação.

15. E' util realizar trabalhos no papel e no quadro negro, mas especialmente neste.

16. A principio, os desenhos podem ser de mera copia. Depois irão apparecendo reproduções de coisas ausentes, que o alumno observou para desenhar.

17. Como incentivo ao gosto do alumno, pedirá o professor modelos por elles escolhidos: flores, folhas, raizes, ramos, etc., aproveitando ainda a excellente oportunidade de usar motivos brasileiros em exercicios de estylyzação e de imaginação creadora.

PROGRAMMA

1.º ANNO

1. Phase preparatoria. Demonstrações pelo professor dos recursos do desenho pedagogico. Uso do material.
2. Observações, em classes primarias, do desenho infantil.
3. Execução de figuras simples. Critica segundo um plano dado pelo professor.
4. Treino intensivo, para formação de habilidade e rapidez no traçado de linhas, de accôrdo com superficies varias e variaveis. Escalas.
5. Exercicios rapidos de forma e perspectiva.
6. Treino intensivo de côr e sombra de objectos usuaes.
7. Cópia do natural de objectos reunidos em diversas posições.
8. Paisagens do natural. Cópia de gravuras; de imaginação.
9. Treino de eschemas sobre a figura humana. Animaes.
10. Scenas eschematicas com homens, mulheres, creanças, animaes, moveis, etc. Enchimento dos eschemas.

11. Aproveitamento de lições do livro de leitura para illustrações. Treino especial do desenho em aulas de lingua-gem e de noções communs: scenas, plantas, figuras, folhas flores, raizes, animaes, machinas, etc.
12. Illustração de poesias, contos, historietas.

2.º ANNO

1. Articulação mais intensiva do aprendido no anno anterior, nas aulas praticas.
2. Aproveitamento systematico do programma do curso primario para treino do desenho.
3. Aulas illustradas de geographia e de historia. Croquis, mappas, graphicos, illustrações allegoricas.
4. Estudo especial da figura humana. Attitudes. Proporções. Expressão. Quadros de motivação da linguagem.
5. Estudo de animaes. Treino do traçado de suas attitudes e anatomia.
6. O desenho a serviço do calculo. Feitura de cartazes para o ensino de arithmetica.
7. Uso do desenho ornamental. Feitura de cartazes, barras decorativas.
8. Feitura de cartazes de propaganda da leitura, da hygiene, de bons habitos em geral, de assumptos de civismo.
9. O desenho a serviço da orientação profissional.
10. Letreiros ornamentados. Estudo de typos de letras.
11. Paisagens com o recurso de material variado.
12. Croquis. Mappas. Graphicos.
13. Scenas brasileiras. O desenho a serviço do civismo.

BOLETINS JÁ PUBLICADOS:

- 1.º — Curso Abreviado de Administração Escolar.
- 2.º — Suggestões para os Programmas das Escolas Normaes.
- 3.º — Bibliothecas Escolares Infantis.
- 4.º — Os Problemas da Escola Primaria na zona rural.
- 5.º — Problemas de Administração Escolar.
- 6.º — As Reuniões Pedagógicas de Janeiro de 1936.
- 7.º — As reprovações na Escola Primaria.
- 8.º — As Delegacias Regionaes do Ensino.
- 9.º — Uma Escola de Applicação.
- 10.º — Contribuição para uma Technica em Mudança.
- 11.º — A Escola do Sitio da Saudade.
- 12.º — Gymnasios e Escolas Normaes Officiaes.
- 13.º — O Magisterio Secundario.
- 14.º — As Reuniões Pedagógicas de Janeiro de 1937.
- 15.º — Estatística Escolar referente a 1936.
- 16.º — Predios para Escolas Secundarias



3
S
e